

CAVARERO, Adriana. *Olha-me e narra-me: filosofia da narração*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025. 224p.

Marcus Assis Lima

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) | Vitória da Conquista | BA | BR

malima@uesb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-8407-1866>

A obra de Adriana Cavarero, *Olha-me e narra-me: filosofia da narração* (2025), investiga a intrínseca ligação entre narrar histórias, construir identidades e a importância do outro. Ela define a narração como uma “arte sutil”, alinhando-se a Arendt ao afirmar que narrar é “revelar o significado sem julgar o erro de defini-lo” (Cavarero, 2025, p. 11). Essa característica distingue a narrativa das abordagens filosóficas que buscam definições universais. A autora argumenta que o narrador oferece ao protagonista a capacidade da narrativa de revelar a individualidade. A vida tem seu início com o nascimento. O “quem” de cada indivíduo transcende as definições filosóficas tradicionais do ser humano e a narrativa revela “quem” é através de eventos e vivências que formam sua história. Cavarero enfatiza que compreender o “quem” de cada pessoa implica valorizar aquele que narra nossa história. Esse princípio ressalta a importância das relações pessoais na filosofia da identidade da filósofa. Cavarero distingue o saber filosófico, que busca a universalidade, do saber biográfico, que aprecia a singularidade: quem está “cego do presente” e sem narrativa pessoal torna-se incompleto, reduzido a fragmentos. O nome próprio é considerado uma “síntese verbal singular” que gera questionamentos: o nome do bebê é um presente, e o nascimento, um acontecimento passivo; o nome próprio é um “selo sonoro da identidade do herói”. Desde o início, cada pessoa mostra sua identidade particular aos demais. A identidade, portanto, depende fundamentalmente do olhar do outro.

O “quem” surge na interação, em um “teatro interativo” em que todos atuam e observam simultaneamente. A identidade é “o que se é e o que se revela”, e a singularidade de uma pessoa se revela plenamente ao se conectar com alguém. Aquele que age não compreende totalmente sua identidade, já que a essência reside na singularidade da interação. A vida, similar à jornada de Ulisses, é definida pelas ações do protagonista, sem a necessidade de um autor onisciente. O ser humano é o centro de sua própria história, pois essa narrativa é essencial para a própria existência. Ela procura naturalmente um narrador que a molde e, por isso, toda biografia, mesmo sem um narrador específico, terá um protagonista central. A ação mostra um momento fugaz, enquanto a narrativa mantém a identidade do protagonista ao longo do tempo. Nascimento, ação e narrativa são elementos essenciais para a identidade em sua busca contínua por reconhecimento.



Cavarero argumenta que a narrativa se fundamenta em ações anteriores, então, “história” (o evento em si) e “narração” (o relato desse evento) são distintas. Toda ação gera um registro, mas nem sempre esse registro se transforma em uma história clara e coerente. Uma narrativa é, essencialmente, a ligação de eventos interconectados. A apresentação pessoal revela a história da pessoa. Uma narrativa que envolve um narrador não é totalmente imparcial em relação ao protagonista. Reconhecemos a singularidade nas interações cotidianas, em que as identidades se manifestam através de histórias de vida diversas. O “ser narrável” reside tanto na lembrança consciente de eventos passados quanto na formação espontânea da memória. Cavarero concebe o eu como um relato intrinsecamente narrável, e não apenas como um dado factual. O “eu narrável” (Lima, 2024) atua simultaneamente como sujeito que atribui sentido à experiência e como objeto ilusório dentro da memória autobiográfica. Cada indivíduo vive uma experiência singular, muitas vezes sem perceber a diferença entre o Eu que conta a história e o Eu que é contado nessa história.

Na “rede de relações” que constitui a existência humana, cada experiência do Eu é identificada em outro que espelha seu caminho. Cavarero afirma que a singularidade transcende a mera aparência física e a voz, manifestando-se também como um eu narrável dotado de uma história única e irrepetível. Todos os indivíduos possuem uma história pessoal que define sua essência, e a memória traz consigo um monólogo interno que reflete a incerteza inerente à vida e, ao mesmo tempo, busca esclarecer a natureza do eu: a identidade se forma e se transforma por meio das interações contínuas com os outros ao longo do tempo. A singularidade, desde o início, garante à identidade uma coesão fundamental para a integridade do eu, isto é, o eu narrável está sempre intrinsecamente ligado a outra narrativa. A memória autobiográfica é, por sua própria natureza, uma narrativa sempre fragmentada e incompleta, então, recomeçar a história pela perspectiva de outro é essencial. O “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune (2008) postula que, ao contar sua própria história, o autor busca validar a autenticidade do que divulga, mesmo sem a necessidade de expor toda a verdade sobre si. A busca pela coesão narrativa visa unir as diversas experiências do eu, formando uma história consistente e dotada de significado. A complexa relação entre o indivíduo, sua vida singular e o narrador vai além do mero texto, impulsionada por uma busca essencial de unidade e reconhecimento, visando validar sua própria história como uma expressão autêntica desse anseio profundo.

A busca pela unidade inerente ao ser narrável surge na crença quase mítica em um momento crucial da vida, um instante singular em que o destino pessoal e a narrativa individual se conectam de forma significativa. Um ato aparentemente simples ou uma demonstração de bravura podem revelar a essência da vida de alguém, conferindo uma unidade memorável à sua identidade. Cavarero afirma que uma autobiografia, por si só, não consegue responder plenamente à questão fundamental: “quem sou eu?”. Biografias narradas por terceiros tendem a oferecer perspectivas mais amplas, embora também estejam sujeitas às suas próprias limitações e imprecisões. A autora concebe a unicidade como a expressão máxima do particular, um “único” que resiste às tentativas de universalização e que pode, paradoxalmente, encobrir a beleza da finitude, definindo o indivíduo como um “este e não outro”. Cavarero propõe uma “filosofia da narração” que questiona a narrativa ocidental dominante, interpretando-a como uma “história de despolitização”.

A noção de “Quem”, central para as reflexões de Arendt e vital para a filosofia de Cavarero, é intrinsecamente relacional e, portanto, contesta a crítica simplista e direta ao narcisismo. O ser narrável é inerentemente dependente de contextos específicos para se mani-

festar plenamente, destacando sua singularidade desde o nascimento como uma promessa silenciosa de revelação. A narrativa, portanto, expressa o anseio profundo por reconhecimento, mas não abarca a totalidade complexa da realidade do eu. O desejo de narrar não é primariamente impulsionado pela busca de reconhecimento externo ou pela contemplação da morte como a essência da vida. Na dinâmica da narrativa, o desejo mútuo de compartilhar e ouvir histórias impulsiona a troca, enquanto a morte, por sua própria natureza, é geralmente desconsiderada ou relegada a um plano posterior. A morte é vista, nessa perspectiva, como uma narrativa que valoriza a vida precisamente em sua ausência, na memória daqueles que permanecem. O simples pedido, “Conte minha história”, reflete o desejo profundo de ser narrado desde a infância até os derradeiros momentos da existência. O começo e a conclusão de uma história de vida operam em planos existenciais distintos, com a introdução marcando a entrada no mundo e o fim representando o silêncio derradeiro.

A profundidade e a erudição da análise de Cavarero lhe renderam reconhecimento internacional. A obra é considerada por figuras importantes, como Judith Butler, como um dos estudos mais brilhantes e inspiradores em filosofia e literatura produzido por uma acadêmica feminista nos últimos anos. Sua influência se estende para além da Filosofia, impactando os Estudos Literários, em geral, e os estudos de (auto)biografias, particularmente. Em resumo, *Olha-me e narra-me* é uma obra de grande impacto que oferece uma poderosa reformulação da identidade através da narração relacional, desafiando séculos de pensamento filosófico ao colocar a unicidade, a pluralidade e a voz feminina no centro da reflexão.

Referências

ASSIS LIMA, Marcus Antonio. O “eu narrável” e o “eu narrado” em Adriana Cavarero: as narrativas de vida de/sobre Herbert Daniel. *Fólio - revista de letras*, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 12-23, dez. 2024. DOI: 10.22481/folio.v15i2.15505. Acesso em: 24 out. 2025.

CAVARERO, Adriana. *Olha-me e narra-me: filosofia da narração*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2025.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.